

DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v33n2e26404>

## A educação sexual na perspectiva de psicólogos(as): contribuições e desafios na formação profissional

**Sexual education from the perspective of psychologists: contributions and challenges in professional training**

**La educación sexual desde la perspectiva de los psicólogos: aportes y desafíos en la formación profesional**

**Maria Fernanda Celli de Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6358-7986>

**Luci Regina Muzzeti**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6808-2490>

**Resumo:** A Educação Sexual é um tema abrangente e que permeia discussões nos mais diversos âmbitos da sociedade. Isso se dá não somente na escola, mas também, em variados contextos, que contemplam desde a instância familiar, até espaços mais informais. Nesse sentido, iniciativas que visem levar informações científicas e adequadas ao maior número de pessoas possíveis são imprescindíveis na disseminação de conhecimento científico. Assim, esse trabalho objetiva trazer as percepções de psicólogos(as) quanto à importância da Educação Sexual para o desenvolvimento integral da criança, salientando a necessidade formativa e interdisciplinar para a referida área de estudo. Quanto ao referencial teórico-metodológico, salienta-se que tanto a elaboração do instrumento (entrevista semiestruturada), quanto a análise dos dados (método praxiológico), se deram com base nos conceitos elaborados por Pierre Bourdieu e equipe, o que nos deu condições de compreender esse fenômeno sob uma perspectiva sociológica mais ampla. Os resultados desta investigação demonstram que a percepção social de que profissionais da Psicologia estão plenamente preparados(as) para atuar em questões relacionadas à sexualidade e à Educação Sexual mostra-se, em muitos casos, distorcida e, por vezes, insuficiente. Neste contexto, os colaboradores(as) reconhecem a falta de preparo, embora compreendam sua importância nesse processo, sentindo-se responsáveis por adquirir conhecimento suficiente para este trabalho. Sendo assim, a investigação aqui apresentada contribui para uma discussão mais ampla que envolve profissionais de áreas distintas — especialmente a Educação e a Psicologia —, as quais, conquanto possuam especificidades próprias, dialogam e se articulam, o que tende a gerar resultados positivos e enriquecedores para a área.

**Palavras-chave:** educação sexual; escola; psicologia; sexualidade.

**Abstract:** Sexual education is a broad topic that permeates discussions in various spheres of society. This occurs not only in schools, but also in varied contexts, ranging from the family to more informal spaces. In this sense, initiatives aimed at bringing scientific and appropriate information to the largest possible number of people are essential in the dissemination of scientific knowledge. Thus, this work aims to present the perceptions of psychologists regarding the importance of sexual education for the integral development of children, highlighting the formative and interdisciplinary need for this area of study. Regarding the theoretical-methodological framework, it should be noted that both the development of the instrument (semi-structured interview) and the data analysis (praxeological method) were based on the concepts developed by Pierre Bourdieu and his team, which allowed us to understand



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

this phenomenon from a broader sociological perspective. The results of this investigation demonstrate how distorted and sometimes insufficient the view is that psychology professionals are prepared to work on issues related to sexuality and sex education. However, it is worth noting that the participants recognize this lack of preparedness and understand its importance in this process, feeling responsible for acquiring adequate and sufficient knowledge to address the topic. Therefore, the research presented here contributes to a broader discussion that includes professionals from different areas, but which constantly converge, namely Education and Psychology, which tends to bring positive and enriching results to the field.

**Keywords:** sex education; school; psychology; sexuality.

**Resumen:** La educación sexual es un tema amplio que permea debates en diversos ámbitos de la sociedad. Esto ocurre no solo en las escuelas, sino también en contextos que van desde la familia hasta espacios informales. En este sentido, las iniciativas destinadas a acercar información científica pertinente al mayor número posible de personas son esenciales para la difusión del conocimiento. Por ello, este trabajo busca presentar percepciones de psicólogos sobre la importancia de la educación sexual para el desarrollo integral de los niños, destacando la necesidad formativa e interdisciplinaria de esta área. En cuanto al marco teórico-metodológico, cabe destacar que tanto el desarrollo del instrumento (entrevista semiestructurada) como el análisis de datos (método praxeológico) se basaron en conceptos desarrollados por Pierre Bourdieu y su equipo, lo que permitió comprender este fenómeno desde una perspectiva sociológica amplia. Los resultados de esta investigación demuestran que la percepción social de que los profesionales de la psicología están plenamente capacitados para trabajar en temas relacionados con la sexualidad y la educación sexual es, en muchos casos, distorsionada y, en ocasiones, insuficiente. En este contexto, los colaboradores reconocen la falta de preparación, aunque comprenden su importancia y se sienten responsables de adquirir los conocimientos necesarios para este trabajo. Por lo tanto, la investigación que aquí se presenta contribuye a una discusión más amplia que involucra a profesionales de diferentes áreas, especialmente de la educación y la psicología, que poseen sus propias especificidades, dialogan y se articulan entre sí, generando resultados positivos y enriquecedores para el campo.

**Palabras clave:** educación sexual; escuela; psicología; sexualidad.

## 1 Introdução

Ao falarmos de Educação Sexual podemos compreendê-la enquanto um aspecto inerente à individualidade de cada um, constituída ao longo de um processo de aprendizagem formal (principalmente institucional) e informal (no interior das famílias, comunidades, relações sociais). À medida que a consideramos como um componente de uma educação integral, ela objetiva-se enquanto um conjunto de saberes e experiências que se concernem à saúde, ao prazer, ao bem-estar, à identidade, ao cuidado e proteção e à responsabilidade individual e social. Neste contexto, a Educação Sexual tem papel fundamental na formação de todos os agentes sociais, já que se relaciona de maneira indissociável com as vivências humanas.

Neste contexto, é incontestável afirmar que a Psicologia está intrinsecamente relacionada à Educação Sexual, principalmente no que se refere às relações que se pode estabelecer na interseção de profissionais que atuam ou deveriam atuar em conjunto neste campo professores(as), psicólogos(as), terapeutas, médicos(as), entre outros). Com a consolidação de uma rede de apoio multidisciplinar, pautada em aspectos científicos e comprometida com a formação integral do sujeito, os resultados

podem ser positivamente identificados por meio de intervenções sensíveis e adequadas a cada faixa etária, contexto social, realidade educacional etc. Assim sendo, Psicologia e Educação Sexual são áreas interrelacionadas e confluentes, capazes de contribuir para uma vida mais saudável, prazerosa, segura e que respeita a diversidade e singularidades em todos os seus aspectos.

Todavia, para corroborar ainda mais com essa afirmação, necessitamos responder a alguns questionamentos que ainda colaboram para dúvidas que evidenciam a convergência dessas duas ciências. Dentre elas, destacaremos neste estudo as seguintes questões: se a Psicologia contribui tanto para a compreensão das temáticas relacionadas à Educação Sexual, porque ela não estaria efetivamente formando profissionais qualificados(as) para trabalharem com o referido tema? E se isso concretamente não ocorre, porque seriam esses(as) os(as) profissionais tidos como mais adequados para trabalhar a temática, segundo o senso comum, conforme nos mostra o estudo de Oliveira (2021)? Na busca pela tentativa de elucidar essas e outras indagações, este estudo, que se trata de um recorte de uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2024<sup>1</sup>, evidencia o debate sobre a importância e as possíveis contribuições que se pode estabelecer na relação entre a Psicologia e a Educação Sexual na formação do indivíduo, a partir da análise das percepções e discursos de psicólogos(as) atuantes nas áreas clínica, escolar e institucional.

Como aporte teórico para a compreensão dos temas relacionados à sexualidade e Educação sexual considerando sua dimensão enquanto relações humanas, apoiamo-nos nos estudos de referências para as temáticas supracitadas, a saber, Maia e Ribeiro (2011); Ribeiro (1990; 2002; 2004; 2006), Russo *et al.* (2009) e Russo e Rohden (2011). Tais obras nos auxiliaram, inclusive, a compreender as possíveis relações estabelecidas entre a Psicologia e a Educação Sexual.

Para a coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas, junto a dez profissionais da Psicologia de diferentes contextos. O roteiro de entrevista foi elaborado a partir dos estudos de Muzzeti (1992, 1997) que, por sua vez, apoiou-se também nos pressupostos da teoria bourdieusiana. Com isso, buscou-se garantir que os objetivos da pesquisa fossem contemplados, identificando não apenas as

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado defendida no ano de 2024, cujo objetivo calcava-se na compreensão sobre o comportamento de psicólogos(as) ao assumirem ou a serem indicados(as) a assumir o papel de educadores(as) sexuais (Oliveira, 2024).

percepções explícitas dos participantes, mas, também, suas predisposições implícitas a suas trajetórias pessoais e práticas profissionais.

Ainda sobre o percurso metodológico, destacamos que para a análise de dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas, utilizamos o método praxiológico, desenvolvido por Pierre Bourdieu e equipe. Vale salientar que este método permite analisar a complexidade das relações sociais estabelecidas entre as diferentes realidades encontradas nas trajetórias e atuações dos(as) participantes, o que nos permitiu desvelar como determinados saberes, comportamentos, percepções e valores são internalizados e disseminados na atuação profissional dos(as) colaboradores(as). É importante mencionar ainda que, ao utilizarmos o método praxiológico, possibilitamos uma visão mais aprofundada das práticas e expressões dos(as) colaboradores(as) constituídas ao longo de suas trajetórias, permitindo, desta forma, estabelecer relações entre as experiências individuais e as estruturas sociais, identificando as transmissões simbólicas que ocorrem no âmbito familiar e social dos agentes e influenciando a estruturação e reestruturação de seu *habitus* (Bourdieu, 1994).

A análise das entrevistas nos possibilitou constatar aspectos recorrentes no que se refere ao *habitus* dos(as) profissionais analisados(as), corroborando, assim, com a ideia de regularidade defendida por Bourdieu (Ortiz, 1983). Isso é visível ao observarmos as frações de classes as quais os participantes (as) pertencem e como cada agente percebe e atua em seu campo profissional.

Quanto à escolha dos(as) participantes, pode-se afirmar que o quesito gênero foi amplamente contemplado, permitindo, desta maneira, que este aspecto também fosse compreendido enquanto interferência nas percepções desses(as) profissionais no que tange à Educação Sexual. Essa diversidade favorece o enriquecimento da compreensão concernente à subjetividade presente na formação profissional dos agentes supracitados, demonstrando as várias vertentes pelas quais a sexualidade e os temas que a permeiam são estabelecidas. É válido destacar ainda que, para selecionar os(as) colaboradores(as), optamos pela seleção com base nas relações sociais estabelecidas pela pesquisadora responsável<sup>2</sup>, após uma triagem inicial com

---

<sup>2</sup> Utilizamos a técnica de amostragem intencional, defendida por Sanders e Townsend (2019) que, permitiu identificar profissionais que demonstraram interesse e disponibilidade em participarem da pesquisa, por meio de uma rede de relações já estabelecida e consolidada. Participaram da pesquisa 10 psicólogos(as) atuantes no âmbito clínico, escolar e institucional. Todos(as) optaram pela

vistas à garantia de multiplicidade de áreas de atuação, diversidade de faixa etária, formação acadêmica e gênero (conforme já mencionado). Todos esses pressupostos foram levados em consideração com o objetivo de garantir a amplitude de vivências que poderiam interferir na interpretação do tema a ser analisado.

Evidencia-se ainda que a pesquisa, e conseqüentemente o presente estudo, se debruçam na importância da Educação Sexual para a formação da criança, contudo, destaca-se que o fato de o(a) profissional não estar atuando, no momento, especificamente com o público infantil não foi considerado critério de exclusão para a participação no estudo. Isso porque, como poder-se-á ver na análise dos resultados, as temáticas relacionadas à sexualidade, gênero e Educação Sexual atravessam dimensões e perspectivas que interferem na formação do indivíduo como um todo, refletindo-se, inclusive, nas vivências adultas. Em suma, o que pretendemos evidenciar é que este trabalho deve começar na infância, todavia, as conseqüências de sua adequação ou não, perpassam gerações e interferem diretamente nas trajetórias individuais, sociais e profissionais dos agentes sociais.

## **2 A educação sexual e os conceitos chave da teoria bourdieusiana**

Conforme aponta a educadora Mary Neide Figueiró (1996) em sua obra *A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual* publicada no ano de 1996, o termo “Educação Sexual” deve ser padronizado, visando intensificar sua consolidação como campo científico que reconhece o sujeito enquanto educando e agente ativo do seu próprio processo educativo. Assim sendo, é de extrema importância não somente eleger uma terminologia adequada, mas também reconhecer seu papel fundamental no processo de formação, especialmente no que se refere a uma Educação Sexual precisa e cientificamente fundamentada. Isso contribui, inclusive, para que suas múltiplas dimensões sejam efetivamente reconhecidas e valorizadas, não somente em seus aspectos amplo e social, mas também individual e particular, já que todo processo de apropriação de conhecimento requer uma intencionalidade motriz que favorece a internalização de todos e quaisquer aprendizados.

---

entrevista online e os TCLEs foram enviados aos(as) participantes devidamente estruturados seguindo as determinações da Resolução CFP Nº010/05 do Conselho Federal de Psicologia e do Código de Ética Profissional do Psicólogo que estabelece o respeito à dignidade e à integridade dos sujeitos pesquisados.

Neste contexto, faz-se necessário ainda ressaltar que conforme Ribeiro (1990; 2002; 2004; 2006), a Educação Sexual foi se consolidando no Brasil por meio de diversos campos do saber, onde, cada um com sua especificidade, contribuiu para que o tema fosse disseminado e, a passos lentos, reconhecido enquanto conhecimento necessário e inerente ao ser humano. Sabemos que ainda existem inúmeros desafios a serem enfrentados, todavia, é inegável que estamos diante de considerável avanço no que concerne à abrangência e apropriação da temática nos mais variados âmbitos da sociedade.

É importante lembrar que dentre os movimentos que favoreceram a estruturação da sexologia no país, destaca-se a articulação da ginecologia-obstetrícia e a Psicologia, que conferiram a esta “nova especificidade” certa legitimidade científica. Vale ressaltar que a medicina, já consolidada no final do século XIX e início do século XX, teve papel essencial nesta empreitada. Inicialmente comprometida com a saúde e bem-estar da criança e da mulher (sujeitos considerados até então enquanto vulneráveis), a ciência contribuiu para que um novo olhar fosse direcionado não somente para os aspectos biológicos, mas, aos poucos, também à compreensão psicológica desses aspectos (Russo; Rohden, 2011).

Destarte, enfatiza-se que, naquele período, a Psicologia tinha forte influência da psicanálise, enquanto a Psicologia Comportamental (alinhada a sexologia de Master e Johnson) continuava à margem da prática profissional, como salientam profissionais como Russo, Rohden, Torres e Faro (2009), no artigo publicado no ano de 2009, intitulado O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. A trajetória mencionada nos mostra o quanto a Psicologia, tema central deste estudo, foi e vem sendo importante nas questões que envolvem a Educação Sexual, sobretudo, ao considerá-la enquanto um tema transversal, que envolve uma multiplicidade de especificidades e profissionais.

É inerente destacar ainda que, posicionalmente, defendemos a Educação Sexual enquanto prática pedagógica cientificamente ancorada em estudos na área da educação, o que quer dizer que buscamos uma formação integral proporcionada na e pela escolar, em consonância com as diversas instâncias da formação e cuidado do indivíduo, o que inclui a família, a comunidade, a medicina, a Psicologia, dentre outras áreas relacionadas (Maia; Ribeiro, 2011). Isso se dá pelo fato de compreendermos, dentre outras questões, que a sexualidade humana se trata de uma dimensão inerente

à saúde psíquica que, por sua vez, relaciona-se essencialmente aos vínculos afetivos, saúde mental, desenvolvimento humano, e bem-estar individual e no estabelecimento de relacionamentos interpessoais. Neste sentido, é indispensável considerar a Educação Sexual em sua dimensão integral, articulando não somente aspectos biológicos, mas também, princípios psicológicos, emocionais, cognitivos e comportamentais. Isso favorecerá não apenas a compreensão mais aprofundada da sexualidade, como propiciará o conhecimento cientificamente corroborado e ancorado pelas ciências Educacionais e Psicológicas, que reconhece e dá a visibilidade necessariamente credibilizada à temática (Santana; Soares; Basso, 2025).

No sentido educacional, podemos nos apoiar na compreensão mais sistematizada da maneira como o indivíduo aprende e como isso influencia em seus âmbitos cognitivos e psicológicos, ao passo que se integra à Psicologia, que oferece ferramentas para a compreensão de fatores culturais e sociais do indivíduo na moldagem e compreensão do seu comportamento (Teixeira, 2023). Em outras palavras, podemos dizer que a Psicologia pode vir a favorecer a compreensão do *habitus* dos agentes sociais, ou seja, na maneira como a sexualidade pode ser vivenciada e experienciada em seus múltiplos aspectos.

Como introdutoriamente discutido, os(as) colaboradores(as) desta pesquisa possuem trajetórias marcadas por distintas experiências na área da Psicologia. Eles(as) atuam — ou atuaram — em diferentes vertentes teóricas, formaram-se em períodos diversos e apresentam campos variados na área de atuação profissional que vão desde a esfera clínica, até a esfera educacional e institucional. Assim, com o objetivo de instrumentalizar o leitor quanto aos principais conceitos que fundamentarão a análise a ser apresentada na seção seguinte, evidenciou-se a necessidade de expô-los de maneira introdutória. Sendo eles: *habitus*, capital cultural, capital social, capital econômico, gênero e herança cultural.

O *habitus* pode ser entendido, de forma simplificada, como o conjunto de disposições que orienta o comportamento do sujeito enquanto agente ativo, capaz de agir, transformar e transformar-se. Esses processos são dinâmicos, pois os diferentes conceitos e experiências influenciam e são influenciados na constante reestruturação do *habitus* de cada indivíduo (Bourdieu, 2007). Dessa forma, pode-se compreender que o *habitus* possibilita analisar tanto a complexidade, quanto a coerência das

percepções e escolhas dos sujeitos, considerando que estão inseridos em condições materiais de existência compartilhadas por um mesmo grupo social (Oliveira, 2024).

Para Bourdieu (2007), o capital cultural é um fator de diferenciação social ligado ao acesso e à apropriação de bens e práticas culturais, envolvendo o investimento que cada indivíduo faz para manter ou melhorar sua posição social. Nas palavras do autor, o capital cultural se apresenta em três estados:

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em sua relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (Bourdieu, 2007, p. 74).

A acumulação de capital cultural desde a primeira infância — condição que favorece a apropriação ágil e aparentemente sem esforço de múltiplas competências valorizadas — tende a ocorrer, de modo mais fluido e contínuo, nas famílias detentoras de um capital cultural consolidado, nas quais o próprio processo de socialização já se configura como processo de acumulação (Bourdieu, 1997). Em síntese, compreende-se que o capital cultural está associado a mecanismos sutis de transmissão e internalização de conhecimentos que atuam como instrumentos na construção da realidade social (Oliveira, 2024).

O capital social, conforme formulado por Bourdieu (2007), refere-se ao conjunto de relações sociais efetivas ou potenciais que um indivíduo mobiliza, constituídas com a finalidade de manter vínculos capazes de favorecer a manutenção ou a ascensão econômica e social de determinado grupo. Em síntese, compreende-se que todas essas propriedades se articulam à reprodução do capital social do indivíduo, configurando um processo socialmente construído, contínuo e dinâmico, voltado à instauração, manutenção e renovação de relações duráveis, que se materializam em ganhos e conquistas tanto materiais quanto simbólicas (Oliveira, 2024).

Segundo Bourdieu (2007), o capital econômico diz respeito ao conjunto de bens materiais detidos pelo agente, correspondendo ao acúmulo de recursos financeiros obtidos por meio de estratégias de investimento mobilizadas com vistas à manutenção e/ou à ascensão social. O capital econômico, conforme postulado por

Bourdieu (1989), constitui-se e se perpetua em articulação com os demais capitais, sendo também moldado pelas relações de disputa e pelos conflitos que atravessam os diferentes campos sociais.

Para Bourdieu (1999, p. 9), o gênero decorre da trajetória social e da herança cultural transmitida no âmbito familiar, sendo compreendido como a “socialização do biológico e a biologização do social”. Assim, o gênero estrutura-se e reestrutura-se nas e pelas relações sociais, materiais e individuais vivenciadas por cada sujeito, configurando-se como uma construção histórica, social e cultural vinculada ao sexo. Para o sociólogo, o gênero é essencialmente relacional e as relações de gênero se constituem e se mantêm no interior de disputas e dinâmicas de poder. Em outras palavras, o gênero configura-se como um sistema que tende a se reproduzir de forma duradoura, impondo aos dominados delimitações de espaços e naturalizando a submissão como algo estruturalmente social. Essas imposições se materializam por meio da violência simbólica, exercida não apenas no âmbito escolar, mas também nos contextos social e familiar, sendo esta última expressão significativa da herança cultural do sujeito (Oliveira, 2024, Oliveira; Muzzeti, 2021).

A herança cultural, segundo Bourdieu (Bourdieu *et al.*, 1978), refere-se ao conjunto de conhecimentos, interditos, costumes e práticas transmitidos no âmbito familiar, constituindo-se por meio de estratégias de reprodução e dos valores próprios de cada grupo. Conforme o sociólogo, ela se institui especialmente através do capital cultural, que distingue os grupos sociais por meio de valores, saberes, informações e códigos linguísticos compartilhados.

Desse modo, de forma objetiva, a herança cultural pode ser entendida como o conjunto de transmissões, inicialmente realizadas no âmbito familiar, responsáveis por compor as disposições dos agentes — isto é, seu habitus — primeiramente em sua forma primária e, posteriormente, reelaborado a partir das experiências vividas pelo indivíduo. Tal herança, conforme Bourdieu, manifesta-se nas acumulações de capital cultural, social e econômico, influenciando as “escolhas” e as estratégias de reprodução que estruturam e reestruturam o habitus do sujeito ao longo de sua trajetória (Oliveira, 2024).

Salienta-se novamente que todos esses conceitos serviram como base tanto para a construção do instrumento de coleta de dados, como para a análise que será apresentada. Deste modo, justifica-se a necessidade de compreensão desses

pressupostos para a identificação da incorporação deles nas falas e percepções dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

### 3 Psicólogos(as) e a relação com a Educação Sexual: primeiros apontamentos

As trajetórias dos participantes, como suas vivências transformadas ao longo de suas experiências sociais, manifestaram-se e manifestam-se nas formas de apropriação cultural, estruturando e reestruturando, assim, o *habitus* dos(as) agentes colaboradores(as). Reforça-se ainda que, o *habitus*, tal qual desenvolvido pelo sociólogo francês e sua equipe, constitui-se em um “[...] conjunto de comportamentos, posturas, interditos, costumes, dentre outros que, compõem um agente, ou seja, trata-se do patrimônio do sujeito, podendo ser reestruturado” (Oliveira, 2024, p. 28).

Em tempo, vale destacar que, para Bourdieu (1996, p. 31), a trajetória pode ser compreendida, como uma “[...] série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a transformações incessantes”. Isso nos leva a depreender que existem estruturas dinâmicas existentes entre as relações sociais estabelecidas pelos agentes e pela sociedade na qual estão inseridos, o que interfere diretamente em suas concepções, inclusive no que concerne à Educação Sexual.

Com o objetivo de ilustrar as diferentes gerações, formações acadêmicas, tempo e local de atuação e público alvo atendido pelos(as) colaboradores, apresentamos a seguir, a adaptação do quadro utilizado na pesquisa original (Oliveira, 2024, p. 38):

Quadro 1 – Apresentação geral dos(as) colaboradores(as)

NOME	IDADE	ATUAÇÃO	Público Alvo Principal (atual)	Tempo de atuação	Formação Acadêmica
Orlando	42 anos	Atuação clínica e Centro de Referência LGBTQIA+	Adultos	15 anos	UNIP (Particular)
Ruth	57 anos	Gestora/Coordenadora Grupo de referências técnicas para o trabalho dentro de unidades prisionais (Projetos) Cooperação Instituto Liberta (Prevenção da violência sexual na infância)	Adultos	31 anos	UNESP (Pública)
Marcelo	45 anos	Clínica/Escola (Ensino Médio/ Preparação para vestibular)	Adolescentes/ Adultos	18 anos	UFSCAR (Pública)

Verônica	32 anos	Clínica	Adolescentes/ Adultos	6 anos	UNIARA/ UNIP (Particular)
Roberta	35 anos	Psicóloga do Esporte (Clínica/ Instituto para Paratletas)	Todas as idades (incluindo crianças bem pequenas <sup>3</sup> ) tanto na clínica quanto no Instituto	8 anos	UNIP (Particular)
Jacinto	45 anos	Clínica e UBS	Crianças e Adolescentes	16 anos	UNESP (Pública)
Mathias	47 anos	Clínica e Plano de Saúde Particular	Adolescentes	7 anos	UNIARA (Particular)
Teresa	33 anos	Clínica (própria)/ Atuação Escolar	Crianças	11 anos	UNIMAR (Particular)
Carlos	44 anos	Clínica/Secretaria Municipal de Saúde	Crianças e Adolescentes	20 anos	UNIP (Particular)
Otávio	43 anos	Lar (orfanato exclusivo para meninos)	Crianças e Adolescentes	19 anos	UNIP (Particular)

Fonte: Elaboração própria.

Com os resultados obtidos nas entrevistas semiestruturadas, foi possível compreender que as temáticas relacionadas à Educação Sexual são consideradas fundamentais na concepção dos(as) colaboradores(as) (representantes da Psicologia). Todavia, não obstante, suas definições variam de maneira significativa, não havendo um consenso em diversos aspectos, sobretudo, no que se refere à idade mais adequada para elaboração da temática com as crianças, principalmente ao falarmos em contexto familiar. Há que se considerar, ainda, que há uma considerável sobreposição no que tange à Educação Sexual Formal e Informal, onde os limites, estabelecidos por meio de fronteiras simbólicas, se confundem na mesma proporção em que não são aclarados aos sujeitos, necessitando, assim, de maior aprofundamento com vistas ao seu esclarecimento.

Apesar de considerarem de suma importância estarem preparados(as) para a atuação junto às questões tangentes à Educação Sexual, os(as) participantes reconhecem suas deficiências formativas e dificuldades refletidas em suas práticas profissionais, ao mesmo passo em que reconhecem a necessidade e desejo de estarem aptos à sua efetiva elaboração. Como exemplo, podemos nos apoiar na fala da participante Verônica, que nos expõe as falhas ocorridas durante sua formação acadêmica, descrevendo o que fora abordado no contexto da psicanálise:

<sup>3</sup> Termo utilizado para designar crianças de 1a7m a 3a11m, segundo descrito na BNCC (Brasil, 2018, p. 25).

Dentro da psicanálise, sim. A gente abordou a questão da sexualidade e tanto que, até hoje, é uma das linhas da psicodinâmica, que eu estudo... Sobre a Educação Sexual. Mas acredito que não seja da mesma visão que você esteja me contando 'né'. A Educação Sexual em si, sobre a dinâmica familiar dentro desse contexto, se é conversado ou não é, não tive. Mas, a educação da sexualidade 'né', do como se dá essa construção, isso a faculdade deu, mas muito, muito superficialmente e aí, depois que eu saio, eu fiz [...] uns 25 cursos mais ou menos, não só nessa área 'né', mas só na área de sexualidade, digamos que uns 10, ou alguma coisa assim (Verônica, camada média).

Identificamos ainda que os colaboradores(as) expressaram compreensões e definições divergentes quanto ao conceito de Educação Sexual, desvelando a multiplicidade de interpretações que envolvem a temática. Dentre algumas explicações, podemos destacar a fala de Jacinto, ao comentar sobre o direito de uma educação adequada:

[...] acho que é um direito de todos. Acho que é uma questão de conscientização, uma questão de se conhecer um pouco mais. Conhecer os direitos de cada um. Eu acho que funciona também como uma forma de prevenção de abusos de qualquer ordem 'né', enfim... E de esclarecimento. Eu penso que essa questão é importantíssima, seja pra criança, pra um adolescente, pra família... (Jacinto, camada popular).

O participante salienta ainda que há diferenciações entre a Educação Sexual Formal e Informal, destacando que esta última sofre com vieses constantemente pautados em preconceitos, interditos, estigmas e informações descontextualizadas. Neste interim, o depoente se posiciona a favor de uma Educação Sexual Formal que se caracteriza enquanto uma possibilidade segura e cientificamente amparada:

[...] ciência, em dados da realidade concreta e sem esse viés, seja da religião, que infelizmente é uma coisa que atravessa muito 'né', ou de preconceito de moralidade mesmo 'né' que, inclusive a religião faz parte também 'né' [...] (Jacinto, camada popular).

A existência de uma Educação Sexual Informal é reconhecida nos discursos da maioria dos entrevistados(as) que legitimam os impactos negativos decorrentes de abordagens não-científicas, apenas baseadas no senso comum, permeado comumente por paradigmas e pressupostos preconceituosos e estigmatizantes. Tal posicionamento escancara não somente uma problemática urgente, como também direciona os olhares para os riscos que as crianças e adolescentes sofrem todos os dias com a ascensão desenfreada de exposição e acesso ilimitado a informações, atualmente facilitadas pelo uso das tecnologias digitais.

Neste contexto, Marcelo, o único representante da camada privilegiada, conceitua a Educação Sexual enquanto,

[...] um processo de cultura e conhecimento das próprias condições, é um autoconhecimento... Fundamentalmente por autoconhecimento, a Educação Sexual, para uma vida plena, em todos os sentidos, por isso plena, e satisfatória. Então são condições, é um processo que garante condições para isso. (Marcelo, camada privilegiada).

Conforme salienta o colaborador, a Educação Sexual Formal e a Informal são complementares. Entretanto, a primeira, transmitida pela escola, de fato, reflete nossa abordagem formativa, e busca levar o conhecimento cientificamente fundamentado de maneira pedagogicamente estruturada e acessível ao ambiente escolar, envolvendo a comunidade em sua totalidade, tanto dentro quanto fora da escola. Como destacado anteriormente, embora os(as) colaboradores(as) sejam provenientes de diversas áreas de atuação, todos(as) relataram atender a demandas relacionadas à Educação Sexual, dado este que não apresenta admiração, uma vez que se trata de algo inerente à vida humana. Não obstante, este é um dos principais motivos que levam os(as) profissionais a se posicionarem a favor de uma formação acadêmica também na área da Psicologia que contemple as práticas cotidianas com os(as) pacientes e também com seu contexto familiar, dando, assim, suporte a todos os envolvidos.

Sobre esse contexto, Roberta afirma que há uma demanda constante em se tratando na temática, tanto em seu consultório clínico, quanto no instituto onde ela atende cerca de 150 atletas “de todas as classes e de todos os níveis”, segundo suas próprias palavras. Destaca ainda que o Instituto se caracteriza para diversos paratletas (público também atendido pela psicóloga), como um local único de convivência:

[...] se tratando de deficiente, tem muita gente que a família abandona e tudo mais ‘né’... Aí eu já passei por muitas situações complicadas ali e é muito por conta disso ‘né’. Porque a gente aprende esse tipo de coisa no social, quando isso é trabalhado em grupo, tem mais força do que qualquer outra coisa ‘né’. Aí eu vejo por esse lado ‘né’, porque, por exemplo, você vai numa escola ‘né’... Se isso é trabalhado, vão ter pais preconceituosos lá? Ok, vai ter! Mas aí, esse pai vai sentar do lado de outro pai que ele até gosta, por exemplo, que não é preconceituoso, e aí eles vão conversar e vão começar a ver as coisas de uma maneira diferente, porque não adianta você eleger alguém ‘né’. Tipo, você vai eleger o professor ... Ele não vai ter força sozinho... Um psicólogo não vai ‘né’, porque assim, eu já tive problema ali... Já ouvi coisas absurdas, assim... (Roberta, camada média).

Sobre o conceito de sexualidade, identificamos nas falas dos(as) participantes que existem compreensões individuais sobre o seu significado e que, em alguns casos, apresentam em seus discursos uma considerável superficialidade no aprofundamento do tema, como podemos ver a seguir:

Mais fácil seria falar o que eu não entendo por sexualidade (risos). Toda a expressão afetiva, de alguma maneira, eu entendo estar envolvida com a sexualidade. Essa possibilidade de você ter ou acessar satisfação, prazer, conseguir de alguma maneira vitalizar a experiência de viver (Orlando, camada média).

Acho que é o modo de compreensão do próprio corpo, em relação ao desejo, ao desenvolvimento do desejo 'né', às diversas possibilidades do desejo. (Ruth, camada média).

Eu diria assim: a identificação. Com o que a pessoa se identifica, como ela se enxerga. É isso que eu entendo por sexualidade. (Marcelo, camada privilegiada).

Eu acho que a sexualidade tem a ver com... Você vai descobrindo o que você tem mais afinidade, com quem você se sente mais confortável, o que é mais familiar... [...] A sexualidade tem a ver com afinidade, com confiança [...] (Roberta, camada média).

Ainda sobre o pouco aprofundamento acerca do conceito de sexualidade:

Muita [referindo-se à diferença entre sexualidade e sexualidade infantil]. Sexualidade infantil não passa por um campo de compreensão que a sexualidade adulta passa. É uma relação muito mais lúdica e muito menos racional, é uma experimentação, mas, não tem a ver com a complexidade da vida adulta. É só uma experimentação de como experimenta afeto, sensações, mas não diz respeito a uma... Aos símbolos que a gente desenvolveu para falar sobre sexualidade. Para a criança, na infância isso não faz o menor sentido. Então é muito mais as expressões que a criança vive, de sensações boas ou não, que vai cumprindo as próprias curiosidades, mas que não tem a menor chance de ter uma comunicação com esse lado adulto que já transformou essas experimentações em dados muito fechados, para criança isso é uma experimentação, uma coisa lúdica e que não tem uma complexidade racional (Ruth, camada média).

No que concerne às diferenças entre os conceitos de sexualidade e sexualidade infantil, destacamos o posicionamento de Marcelo, que defende que, provavelmente, exista uma divergência entre os termos, sobretudo, ao considerar-se a infância enquanto um processo de descobertas. Roberta, por sua vez, compreende que a sexualidade infantil envolve os seguintes aspectos:

A criança é inocente, ela é desprovida 'né' de qualquer coisa que vai constranger e tal. Então assim, eu vejo a diferença em famílias que a criança quer ficar pelada na casa, fica. Um menino quando começa a descobrir o pênis e começa a mexer e vê que fica duro e acha legal e acha engraçado e é tranquilo, porque é 'né'?! Quem coloca malícia, quem coloca outras coisas, é

o adulto [...] E na infância, a criança, ela tem a pureza das coisas e de certa forma, se não tivesse o adulto criando de uma maneira assim, errada e preconceituosa, a gente não teria metade assim, dos problemas que a gente tem [...]. (Roberta, camada média).

No que se refere ao conceito de gênero, os(as) psicólogos(as) entrevistados(as) expõem diferentes significados, que em sua maioria, não apresentam uma definição consistente e bem definida. Explicações como as de Roberta e Marcelo nos mostram que o tema ainda necessita de aprofundamento teórico, apresentando substancialmente lacunas e desinformação que podem levar a casos de preconceito e perpetuação de desigualdades.

Eu acho que eu entendo muito semelhantemente ao que eu entendo por sexualidade, como a pessoa se enxerga (Marcelo, camada privilegiada).

Eu entendo que se iniciou com feminino e masculino, mas isso não é uma determinante para nada, assim... [...]. (Roberta, camada média).

Neste sentido, os desconhecimentos, equívocos e descompassos apresentados pelos(as) colaboradores(as) demonstram a urgência de uma formação ampla e adequada, que contemple os variados âmbitos da sociedade. Sendo assim, partir desse pressuposto para propor discussões e possibilidades pode significar um meio efetivo de promover uma Educação Sexual de qualidade em todos os níveis e espaços, sejam eles educacionais, familiares ou sociais.

#### **4 A educação sexual na visão dos(as) psicólogos(as): discussões sobre a necessidade de formação inadiável**

A respeito da atuação enquanto educadores(as) sexuais e a possível ou necessária incorporação desse papel por meio dos(as) psicólogos, não foi um assunto que causou estranheza ou incômodo aos profissionais analisados(as). De maneira contrária, todos(as) demonstraram interesse em buscar conhecimento, já que, também em sua unanimidade, não se sentem teoricamente preparados para tal. Isso fica evidente nos desencontros acerca das definições conceituais e, também, no fato de relatarem que não possuíam uma base formativa oriunda da graduação, conforme já mencionado anteriormente.

Conforme os depoimentos, essa preocupação está diretamente relacionada aos pressupostos básicos da Psicologia, uma vez que está em sua essência proporcionar o bem-estar humano, tal qual pretendemos também com o trabalho

adequado e substancial, tangente aos temas relacionados à Educação Sexual, sexualidade e gênero. Todavia, como destacam Siqueira e Padovam (2008), essa preocupação não é tão recente quanto parece. Ainda segundo os autores, diversos estudiosos dedicaram-se à investigação e à formulação do conceito de bem-estar, intrinsecamente associado ao campo científico da Psicologia, o que fez desse constructo um dos mais e aplicados nas pesquisas que buscam compreender como os fatores psicológicos contribuem para a promoção de uma vida mais saudável. Seguindo esta linha de pensamento, a participante Teresa afirma não sentir desconforto com o tratamento da temática e discorre:

Eu tenho mais dúvidas sobre como aprofundar esses temas, quando existem demandas. [...]. Como eu trabalho mais com crianças, é mais simples as demandas que eles trazem referentes a estas questões. [...]. O meu trabalho, independente do que eles trouxerem, é acolhimento e espaço para eles colocarem aquilo que é importante para eles (Teresa, camada popular).

A psicóloga destaca ainda que, quando se envolve em caso mais complexos, busca de maneira incessante, compreender os fenômenos relacionados ao caso, visando garantir o suporte mais adequados aos seus pacientes (crianças) e às suas famílias. Ela faz questão de mencionar, ainda, a importância da Educação Sexual na realidade dos(as) responsáveis, pois, segundo sua concepção, isso evitaria inúmeros conflitos. Em suas palavras “la ajudar se os pais deles tivessem recebido (risos). Porque o problema ‘tá’ aí” (Teresa, camada popular).

O mesmo ocorre com Roberta que alega se sentir “tranquila” ao ter que atuar enquanto educadora sexual. Posicionamento similar é encontrado nas falas de Marcelo, Verônica, Jacinto e Otávio, que destacam novamente que apesar de tudo, não se sentem preparados devido à formação acadêmica defasada, compreensão essa compartilhada por todos(as) os(as) entrevistados(as) quando os temas são sexualidade, gênero e Educação Sexual.

Alguns colaboradores(as) mencionam ainda que, na busca por sanar essas lacunas, buscaram por conta própria, cursos complementares para aprofundamento de conhecimento sobre os temas, como é o caso de Teresa, Orlando e Verônica. Já Mathias e Otávio, alegam recorrer a fontes diversas de informação para lidar com as dúvidas, quando elas surgem a partir de atendimentos.

A faculdade não dá preparo para atuar em nada. [...] Sexualidade? Imagina, não era nem comentado [...] não é falado, as pessoas não são acolhedoras e

eu 'tô' falando de uma faculdade de Psicologia [...] não me sinto preparada... (Roberta, camada média).

A graduação direto nisso, não. Eu acho que existe essa formação no cuidado com o ser humano, então aí é ter um mínimo de bom senso e aplicar esse cuidado com o ser humano, seja em qual tema for trabalhado. Mas diretamente, objetivamente a isso, não tive [...]. (Mathias, camada popular).

Marcelo traz à tona ainda, um evento ocorrido no passado, onde é possível identificar o posicionamento da Psicologia quanto aos temas relacionados à sexualidade, gênero e Educação Sexual.

Eu não sei se você se lembra, teve um período há uns poucos anos atrás, que tivemos na área de Psicologia uma infeliz situação que uma determinada colega vendeu uma tal de cura gay [...]. Na época, o conselho federal de Psicologia se movimentou rápido, felizmente, e simplesmente soltou a seguinte nota para a gente: ninguém tem que se preocupar com origem de homossexualidade, mesmo porque, não é doença. [...] E aí o Conselho bateu o martelo dizendo o seguinte: a preocupação de todos nós psicólogos, independente de gênero, é sempre a mesma: qualidade de vida. (Marcelo, camada privilegiada).

Durante as entrevistas, foi notório perceber que nem todos os(as) colaboradores(as) mencionaram o fato, todavia, com base nas percepções apreendidas, pode-se perceber que há um consenso no que concerne à preocupação da classe profissional quanto à promoção do desenvolvimento saudável e integral de todos(as) os(as) seus(suas) pacientes. Neste sentido, a compreensão sobre a Educação Sexual enquanto inerente à formação do indivíduo é indiscutível, considerando suas necessidades e peculiaridades.

Destaca-se ainda que, mesmo que os(as) participantes compreendam sua relevância no processo de Educação Sexual, é unânime, também, o fato de não existir, na concepção deles(as), um(a) único(a) profissional tido(a) como mais adequado para o trabalho com a temática. A maioria dos(as) colaboradores(as) salienta a imprescindibilidade de educadores(as), pediatras, assistentes sociais, entre outros que podem trazer contribuições inestimáveis à área. Conforme seus depoimentos, fica explícito que acreditam na efetividade de uma rede multiprofissional que não somente acompanhe a criança, mas que também ofereça uma base sólida para as famílias e comunidade, considerando todos os âmbitos da sociedade, ou seja, dentro e fora do âmbito escolar.

Maia e Ribeiro (2011) destacam que espaços sexualizantes relacionados à área da saúde, como hospitais e postos de saúde, devem contar com a colaboração

de profissionais que sejam especializados, não somente à área, mas também no que se refere à educação, promovendo, assim, uma Educação Sexual que considere o indivíduo em sua integralidade, não somente reconhecendo as diferenças, mas principalmente, valorizando a diversidade de sexualidade e gênero. Corroborando com a afirmação dos autores, a fala de Jacinto, que trabalha em um posto de saúde, ilustra este posicionamento, ao afirmar que se preocupa em estar preparado para esta atuação.

No entanto, o psicólogo não é solitário ao identificar esta importante interseção que pode e deve ocorrer entre a educação e a saúde. Teresa também acredita nos benefícios desta articulação e seu posicionamento é cientificamente ancorado novamente nas ideias de Maia e Ribeiro (2011, p. 80) ao afirmarem que “[...] instrumentalizar criticamente o professor e os profissionais da saúde para que possam lidar com as dificuldades naturais resultantes dos tabus e preconceitos inerentes ao sexo, ao gênero e à orientação sexual”.

Os autores salientam ainda que a escola deve ser entendida como um indispensável espaço de conexão social e mental, justamente por desempenhar um papel inerente à formação integral dos indivíduos e por contribuir significativamente nas relações estabelecidas por estes no âmbito escolar e social. Além disso, isso implica afirmar que o estabelecimento mal sucedido deste espaço interseccional pode acarretar em resultados negativos para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a formação da criança deve ser considerada em sua integralidade. Tal aspecto é defendido também pelos participantes Teresa, Jacinto, Mathias e Marcelo que comentam acerca de experiências de bullying vivenciadas no decorrer de suas trajetórias escolares.

Deste modo, é impensável não compreender o papel da escola na formação do indivíduo, visando à garantia de práticas pedagógicas efetivas e inclusivas, pautadas e planejadas efetivamente com base em conhecimento científico, favorecendo o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes, bem como promovendo uma formação adequada também aos(às) profissionais que atuam com o referido público. Neste sentido, a nossa defesa por uma Educação Sexual Institucionalizada é ancorada em pressupostos evidentes, ou seja, é preciso que as abordagens sejam estruturadas e disseminadas a partir de profissionais preparados para lidar com as questões de gênero, sexualidade e Educação Sexual,

reconhecendo-a em sua instância máxima, como deve ser, a de componente indispensável para a formação integral do indivíduo.

Esta mesma ideia é compartilhada por todos os colaboradores(as) desta pesquisa, que de uma maneira ou de outra, demonstraram em seus discursos a preocupação em possibilitar a (in)formação adequada aos seus pacientes. Vale salientar novamente que, na percepção dos(as) psicólogos(as) analisados, essa tarefa deve ser propiciada principalmente na escola, por uma rede de profissionais qualificados, com vistas à promoção de um desenvolvimento integral, ou seja, que contempla todos os aspectos, sejam eles físicos, psicológicos, cognitivos ou sociais. Neste contexto, os participantes defendem ainda que essa “responsabilidade” não deve ser apenas dos(as) professores(as), mas, sim, que deve ser associada a psicólogos(as), equipe escolar e famílias, como parte indissociável também da Educação Formal: “[...] *profissional adequado é aquele que estuda para ser... é alguém formado em pedagogia [...] um psicólogo se ele estudar também de uma maneira aprofundada sobre isso... [...]*”. (Verônica, camada média).

Em suma, como defendido pelos(as) participantes, a Educação Sexual Formal deve ocorrer no ambiente escolar a partir de uma rede de relações multiprofissional que estabeleça, de maneira efetiva, vínculos positivos e saudáveis que conscientizem a sociedade sobre o compromisso de levar às crianças e adolescentes uma abordagem que valorize e respeite a diversidade, promovendo efetivamente o desenvolvimento integral desses agentes. Segundo os discursos dos(as) colaboradores(as), a Educação Sexual deve ser considerada uma necessidade indissociável de uma vida plena e saudável. Todavia, não há um consenso sobre a faixa etária ideal para o trabalho com Educação Sexual, o que novamente evidencia o desencontro de informações presentes entre os profissionais analisados.

Essencial! Só que a Educação Sexual ‘pras’ crianças começa com os pais. Não é incomum na primeira entrevista com os pais surgir algum tema nesse sentido. É muito comum e eu já faço a primeira orientação voltada para isso, tanto para eles, para eles saberem o que envolve a Educação Sexual da criança e como eles também eles podem abordar essas questões em casa. Então na maioria dos casos, eu faço isso [...]. (Teresa, camada popular).

Conforme já salientado, os(as) colaboradores(as) não se eximem da responsabilidade de ter uma formação adequada para atuar com a temática, tampouco se desresponsabilizam quanto ao seu papel na formação de crianças e

adolescentes. Ao contrário, defendem uma Educação Sexual Formal adequada e pautada em pressupostos científicos que lhes dão subsídios para atuarem nas demandas necessárias. Salientam, ainda, que a temática é indissociável à natureza humana e, portanto, defendem uma abordagem que vise, sobretudo, promover a proteção e bem-estar necessários à saúde mental, objetivos centrais da Psicologia.

Neste sentido, apoiam-nos nos pressupostos de Leôncio (2013, p. 6), para destacar que,

[...] a sexualidade surge em todas as faixas etárias; ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola e tais práticas se fundamentam no conceito de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, cabe à família realizar a educação sexual dos filhos, por meio de informações adequadas, permeadas pelo diálogo; contudo, não é o que se verifica na maioria das famílias; o assunto não é tratado em casa, nem na escola e as crianças e adolescentes tomam conhecimento da sexualidade de forma deturpada e irresponsável. Dessa forma, o trabalho de orientação sexual na escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade. Nesse processo, o profissional de educação deve ser ético e isento de preconceitos.

Com base nas falas analisadas, foi possível identificar que o *habitus* que envolve as questões relacionadas à Educação Sexual vem se reestruturando, acompanhando as transformações sociais. Observa-se, com base nas explicações dos(as) colaboradores(as), que, embora ainda existam inúmeras dúvidas tangentes às temáticas abordadas, há um intenso movimento e tentativa de compreensão que apoie a superação das dificuldades ainda encontradas. Sendo assim, é irrefutável o compromisso que esses(as) profissionais demonstraram, não somente no reconhecerem suas lacunas formativas, mas, também, ao enfatizarem a tentativa de superação de suas próprias concepções estabelecidas por meio da estruturação e reestruturação de seus *habitus* ao longo de suas trajetórias profissionais e sociais.

Considera-se, ainda, que a ideia de que sejam os(as) profissionais mais adequados(as) para o trabalho tangente às questões relacionadas à Educação Sexual faz parte de um ideário que, de certa maneira, está enraizado em seu *habitus*, o que reforça a preocupação desses profissionais, que em nenhum momento, se distanciam da possível responsabilidade que detém sobre a temática. Sendo assim, mesmo que não fique evidente a preocupação de alguns colaboradores(as) em oferecer uma Educação Sexual adequada desde a infância, é de suma importância salientar sua imprescindibilidade na formação das crianças, desde a mais tenra idade. Neste

contexto, a informação inconsistente ou ausente pode configurar-se enquanto uma Educação Sexual Informal preocupante e equivocada, que pode, inclusive, disseminar conhecimento inapropriado, preconceitos e valores deturpados sobre as experiências humanas.

As falas dos participantes evidenciam que suas percepções acerca da educação sexual e da atuação profissional estão profundamente imbricadas às disposições incorporadas ao longo de suas trajetórias, revelando a operação do *habitus* enquanto estrutura estruturada e estruturante. Observa-se que as concepções expressas não emergem de forma isolada, mas são socialmente constituídas a partir da herança cultural recebida no âmbito familiar e posteriormente reelaboradas nas experiências escolares, acadêmicas e profissionais (Bourdieu, 2007). Nesse processo, o capital cultural — manifestado nos saberes legitimados, nas formações cursadas e nos repertórios discursivos mobilizados — atua como princípio de diferenciação entre os sujeitos, influenciando suas compreensões, limites e possibilidades de intervenção (Bourdieu, 1997). Do mesmo modo, o capital social se expressa nas redes de apoio, nas trocas institucionais e nas referências profissionais mencionadas, evidenciando que a construção das práticas e posicionamentos não ocorre de maneira individualizada, mas relacional.

Além disso, as narrativas permitem identificar como os diferentes capitais se articulam no interior dos campos sociais, especialmente quando os participantes apontam condicionantes estruturais que atravessam suas práticas, como recursos institucionais disponíveis (capital econômico) e legitimidade profissional. As questões de gênero aparecem como eixo estruturante dessas experiências, demonstrando que as relações de poder, historicamente construídas, influenciam tanto as percepções quanto as estratégias adotadas pelos sujeitos. Assim, as falas revelam que as disposições relativas ao gênero, à sexualidade e à atuação profissional são atravessadas por processos de socialização que naturalizam determinadas hierarquias (Bourdieu, 1999), evidenciando a ação da violência simbólica e a força da herança cultural na reprodução — e, em alguns casos, na possibilidade de reestruturação — do *habitus*.

## 5 Considerações finais

A análise das trajetórias dos(as) psicólogos(as) analisados(as) nos leva a reflexões multidimensionais que evidenciam não somente uma unanimidade no que concerne à importância da Educação Sexual na formação integral do indivíduo, como também favorece a compreensão de que, embora sejam pertencentes a diversas gerações, atuações profissionais, formações acadêmicas e gêneros distintos, compartilham de um mesmo *habitus* profissional. Em outras palavras, pudemos identificar que existem aspectos comuns a todos(as) os colaboradores(as) que os levam a reflexões e à preocupação tangente à formação adequada para atenderem às demandas que se apresentam nos âmbitos clínicos, escolares e institucionais. Dentre esses aspectos, elucidam-se as lacunas da formação inicial em Psicologia, além dos conjuntos de valores, predisposições e interditos vivenciados ao longo de suas trajetórias, que, de maneira inerente, interferem na atuação desses agentes em suas práticas profissionais.

Isso se reflete na estruturação e reestruturação do *habitus* dos(as) colaboradores(as) que, embora reconheçam suas limitações, evidenciam sua necessidade de aprofundamento quanto à temática, visando contribuir significativamente para a formação integral de seus pacientes, com base em uma Educação Sexual que promova de maneira cientificamente corroborada, o bem-estar imprescindível à saúde mental, objetivo primordial da Psicologia. Apesar de identificarmos nas falas de alguns participantes que o desconhecimento leva a preconceitos e descompasso de informações, o que mais se evidencia é a busca por tornarem-se aptos a trabalhar a temática, buscando colaborar para o desenvolvimento pleno das crianças, em todos os seus aspectos, sejam eles físicos, psicológicos, cognitivos ou sociais.

No que se refere às frações de classe identificadas por meio da trajetória social de cada agente, pode se dizer que há uma regularidade evidenciada entre as percepções e atuações dos(as) colaboradores(as), desvelando como o *habitus* vem sendo estruturado e reestruturado dentro dessas realidades, no que se refere ao posicionamento e atuação quanto às temáticas relacionadas à Educação Sexual. O que se identifica é que há, por parte dos(as) colaboradores(as), uma conscientização

acerca da importância da temática para a formação do indivíduo, que perpassa gerações, gêneros e atuação profissional.

Em suma, o que se evidenciou neste estudo é que os profissionais da Psicologia reconhecem a imprescindibilidade do trabalho cientificamente corroborado tangente à Educação Sexual, salientando o papel indispensável da escola, sem a responsabilização exclusiva de professores(as) neste processo. Depreendeu-se que os colaboradores(as) supracitados(as), não somente destacam a importância do aprofundamento da temática visando a formação integral de todo e qualquer indivíduo, como também reconhecem a necessidade de uma formação adequada e multiprofissional que dê suporte e funcione como uma rede consolidada de formação de uma Educação Sexual Formal.

Com isso, espera-se que este estudo traga reflexões instigantes envolvendo a educação enquanto ciência indissociável à Educação Sexual, mas relacione e destaque também o papel da Psicologia enquanto importante colaboradora no processo de formação, na busca incessante por conhecimento adequado que possibilite experimentar uma vida plena e saudável em todos os seus aspectos. Conclui-se ainda que a pesquisa apresentada não tem a pretensão de esgotar as discussões, principalmente, levando em consideração tanto a amostra quanto a vertente investigada. Ao contrário, visa instigar novas investigações que possam trazer contribuições multidisciplinares para a formação em Educação Sexual.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Organização Maria Alice Nogueira, Afrânio Catani. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Ciências sociais da educação).
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, P. **Capital cultural, escuela y espacio social**. México: Siglo XXI de España Editores, S.A, 1997.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Presença, 1996.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, R. (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994. p. 46-86. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39).
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrando Brasil, 1989.
- BOURDIEU, P. *et al.* As estratégias de reconversão. *In*: Durand, J. C. (org.). **Educação e hegemonia de classe: as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 02 mar. 2026.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 50-63, ago. 1996.
- LEÔNICIO, J. M. M. A orientação sexual nas escolas a partir dos parâmetros curriculares nacionais. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, São Paulo, v. 3, n. 12, nov. 2013. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170509155531.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997\\_EDUCACAO\\_SEXUAL\\_PRINCIPIOS\\_PARA\\_A\\_ACAO\\_Doxa\\_v15\\_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIPIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997_EDUCACAO_SEXUAL_PRINCIPIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIPIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf). Acesso em: 26 abr. 2025.
- MUZZETI, L. M. **Trajetórias escolares de professoras primárias formadas em São Carlos nos anos 40**. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1992.

MUZZETI, L. M. **Trajetória social, dote escolar e mercado matrimonial**: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1997.

OLIVEIRA, M. F. C. **Como psicólogos(as) se comportam em relação à Educação Sexual de crianças no âmbito clínico, escolar e institucional**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/559625c0-4cee-4bc1-8e80-0bae51b7ba01/content>. Acesso em: 31 mar. 2026.

OLIVEIRA, M. F. C. **Sexualidade, gênero e infância**: a relação escola, família e pediatria na Educação Sexual de crianças da Educação Infantil. 2021. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/639295c1-99aa-405c-9d39-398978edffe3/content>. Acesso em: 25 abr. 2025.

OLIVEIRA, M. F.; MUZZETI, L. R. A interferência da herança cultural na educação sexual de agentes escolares: um estudo de uma instituição infantil do interior paulista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. 1, p. 176-188, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i1.13586>. Acesso em: 30 jan. 2026.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**: sociologia I. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39).

RIBEIRO, P. R. M. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da colônia à república velha. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 29-38, jan. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/GjFSBSrN6CLgwN9k74t7YFr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.

RIBEIRO, P. R. M. (org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004.

RIBEIRO, P. R. C. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002. Tese (Doutorado em Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1855%3Fshow%3Dfull>. Acesso em: 24 abr. 2025.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: E.P. U., 1990.

RUSSO, J. A.; ROHDEN, F.; TORRES, I.; FARO, L. O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 617-636, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7gwc5N3WMxdfyx7p8tTYhMN/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.

RUSSO, J.; ROHDEN, F. (coord.). **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011. (Coleção Documentos, v. 8).

SAUNDERS, M.; TOWNSEND, K. Choosing participants. *In*: CASSELL, C; CUNLIFFE, A.; GRANDY, G. **The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods: History and Traditions**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2019. p. 480-492.

SANTANA, J. C. D.; SOARES, S. R.; BASSO, S. E. O. Educação em sexualidade: panorama, documentos oficiais e impacto na educação brasileira. **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 22, n. 6, p. 1-25, 2025. Disponível em: [https://www.ivysci.com/en/articles/9959442\\_Educao\\_em\\_sexualidade\\_panorama\\_documento\\_oficiais\\_e\\_impacto\\_na\\_educacao\\_brasileira](https://www.ivysci.com/en/articles/9959442_Educao_em_sexualidade_panorama_documento_oficiais_e_impacto_na_educacao_brasileira). Acesso em: 30 jan. 2026.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.

TEIXEIRA, A. Z. A. Um olhar na psicologia da educação e da aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 9, n. 6, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10470>. Acesso em: 12 dez. 2025.

---

Recebido em outubro 2025 | Aprovado em fevereiro 2026

#### MINI BIOGRAFIA

##### **Maria Fernanda Celli de Oliveira**

Doutora em Educação Escolar pela UNESP– FCLAr. Docente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Araraquara – UNIARA e Vice-líder do NEAME - Núcleo de Estudos Ampliados em Educação e integrante do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX).

E-mail: [mfcellioliveira@uniara.edu.br](mailto:mfcellioliveira@uniara.edu.br)

##### **Luci Regina Muzzeti**

Livre Docente em Sociologia da Educação pela UNESP–FCLAr. Docente do Departamento de Educação (UNESP-FCLAr) e dos Programas de Pós-graduação em Educação Escolar e Educação Sexual (UNESP-FCLAr) e integrante do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX).

E-mail: [luci.muzzeti@unesp.br](mailto:luci.muzzeti@unesp.br)